

CARMEN SÍLVIA RIAL

Universidade Federal de Santa Catarina

Da Casa Açoriana à Casa Decorada: ensaio de estética popular

149

No interior da Ilha de Santa Catarina, no Sul do Brasil, existem casas ditas açorianas, semelhantes às construídas no século XVIII pelos emigrantes vindos do arquipélago dos Açores. Partindo destas casas, do espaço arquitetural e da decoração interna, analiso neste trabalho a transforma-

*ção vivida pelas famílias de três gerações e o surgimento de um "estilo feminino" que vai determinar novos padrões estéticos expressos no cotidiano. A análise destes padrões estéticos propicia a percepção do significado que a modernidade assume neste grupo popular.**

NA tentativa de conhecer o mundo dos outros, os objetos devem ser vistos como textos privilegiados. E tem sido assim, pelo menos para alguns antropólogos de sociedades tribais. Podemos lembrar as reflexões de Malinowski sobre o kula (troca simbólica) e o gimwali (troca econômica) ou as de Mauss a respeito do potlatch (troca simbólica baseada na prestação social).

Vista como capaz de iluminar certos aspectos das culturas estudadas, a importância dos objetos cresce nas análises das sociedades contemporâneas. De fato, os estudos sobre consumo e estética (arte, vestimenta, culinária, decoração, publicidade) tem se multiplicado, na História Social como na Antropologia. Muitos deles levam em conta o trabalho pioneiro de Veblen (1979) e sua tese de que, no nascente consumo burguês, a necessidade em jogo na aquisição de objetos não era a de conforto mas de distinguir os seus proprietários. Não se veste uma mulher, dizia Veblen, para que ela seja bela, mas para que testemunhe a condição

* Agradeço à Prof. Cláudia Fonseca (UFRGS) pelas inúmeras sugestões e críticas a este trabalho.

social do seu senhor. Baudrillard (1970,1972) e Bourdieu (1979), teoricamente muito distantes um do outro, têm dado continuidade à inquietação vebleniana. Para eles, o ato de consumir não é meramente guiado por razões de ordem prática mas pressupõe e implica mecanismos de discriminação e de prestígio básicos nas sociedades ocidentais.

As pesquisas em sociedades complexas entre grupos de baixa renda, porém, continuam a dedicar pouco espaço às expressões estéticas populares. Este desprezo nos leva a pensar que as produções artísticas destes grupos são vistas como de "mau gosto" ou como imitações mal acabadas de uma cultura legítima, não merecendo portanto um registro⁽¹⁾.

Contrariando esta tendência, escolhi a arquitetura e a decoração do espaço doméstico, os princípios estéticos imbutidos nas escolhas dos objetos, como tema da pesquisa que realizei junto às famílias de três gerações de um grupo social originalmente formado por camponeses e pescadores descendentes de açorianos. O espaço da casa e a decoração são vistos como fazendo parte de um conjunto de representações e práticas que inserem a família em uma rede de relações sociais e culturais, e que ajudam a escrever a sua história através de uma memória que alguns objetos são capazes de portar. O procedimento diacrônico foi utilizado por ser capaz de dar conta da transformação do uso do espaço e dos objetos bem como da transmissão destes objetos.

A casa açoriana

A primeira geração⁽²⁾, com chefes de família (pai ou mãe viúva) entre 60 e 90 anos, habitava e ainda habita uma casa muito semelhante à dos colonizadores. Os arquitetos a chamam de casa *açoriana*. Esta casa açoriana é construída com material obtido no próprio local: barro, bambu, palha. Ela é facilmente reconhecível pois seu telhado apresenta um caimento para a frente e para os fundos (e não lateral, como a maioria das casas no Brasil) e a fachada se compõe de

⁽¹⁾ O filósofo americano Shusterman (1982), analisa este desprezo pela arte popular, se opondo às posições da Escola de Frankfurt e de Bourdieu, entre outros.

⁽²⁾ O universo da pesquisa etnográfica compreende três gerações de famílias que habitam a Lagoa da Conceição, um bairro da Ilha de Santa Catarina que vem sofrendo grandes mudanças devido ao afluxo de turistas e ao assentamento de famílias de classe média provenientes de centros urbanos. A primeira das três gerações estudadas é formada por camponeses e proprietários de minifúndios, que durante toda sua vida estiveram inseridos em um modo de produção de auto-suficiência, onde o plantio da roça se articulava com a pesca. As gerações seguintes estreitaram os seus contatos com o meio urbano, aproximando-se do modo de vida registrado por pesquisadores das classes trabalhadoras nos bairros periféricos das grandes cidades brasileiras.

três janelas que dão para a sala. As portas da casa localizam-se na lateral, preferencialmente voltadas para leste, para o sol matinal; uma, a da sala, é usada apenas em circunstâncias especiais e a outra, a da cozinha, é o acesso da casa no dia-a-dia.

Temos, assim, uma sala, peça principal, localizada bem à frente da casa, no lugar simbolicamente nobre (onde são recebidas as visitas ilustres, lugar de realização das nove-nas, lugar onde se deposita a capelinha), e uma cozinha, peça localizada mais ao fundo, vista como mais pobre (é menos iluminada, o pé direito mais baixo e é construída com um material inferior ao utilizado no resto da casa). Entre a sala e a cozinha, essa geração construiu um e único quarto, que servia de dormitório comum para toda a família.

Hoje peça da casa eminentemente feminina, nem sempre a cozinha esteve ligada a um dos gêneros. A cozinha sempre foi o lugar de múltiplas atividades⁽³⁾. Todo o trabalho e a sociabilidade no interior da casa se realizava ao redor deste fogo. Segundo meus informantes, na cozinha se realizavam as refeições, lá se tomava banho e se permanecia quando no interior da casa e era lá também que parte dos alimentos e sementes, produtos do trabalho familiar na roça, eram armazenados.

Com a progressiva divisão do espaço em salas especializadas, a cozinha se manteve como lugar predileto da sociabilidade familiar, mas nem por isto passou a ser vista como um lugar nobre da casa. Ao contrário, dentre todas as peças da casa ela é tida como a inferior. Diversos signos nos indicam esta depreciação: ela se localiza sempre na parte de trás e o material de construção ali empregado é mais "pobre": se a casa é de pau-a-pique e reboco, a cozinha é construída sem merecer o reboco; sua porta é menor; seu teto mais baixo; ela é iluminada por simples "pombocas" enquanto a sala recebia lampiões (por lâmpadas comuns agora que a sala recebe lâmpadas fosforescentes). O piso das cozinhas das casas açorianas é de terra batida, semelhante ao do quintal e do terreiro, espaços que circundam a morada. Não há, portanto, para quem ingressa na casa através da cozinha, uma grande ruptura em relação ao chão exterior, o que ocorre somente quando se passa para o restante da casa, assoalhada com madeira.

⁽³⁾ Consta nos relatos dos viajantes estrangeiros que visitaram a Ilha de Santa Catarina nos séculos XVII e XVIII (Relatos, 1984) que as primeiras casas construídas em Santa Catarina pelos colonos açorianos e vicentinos consti-tuíam-se em uma peça única, com o fogo no centro.

Além de trazer a terra para o interior da casa, sob a forma de piso, a cozinha é o lugar do fogão a lenha, que traz para dentro a mata. E a mata é simbolicamente desvalorizada, percebida como um inimigo a ser vencido num embate que tem suas origens na colonização. Tudo leva a crer que o lugar inferior ocupado pela cozinha no imaginário dos “nativos” deve-se a sua associação a elementos muito próximos da Natureza — a mata, a terra.

Neste sentido, a ênfase dada ao asseio desta cozinha é significativa. As panelas — expostas junto às paredes, já que não há armários — refletem a luz, num brilho obtido a custo de muita “areação”. Elas devem brilhar, tendo um papel semelhante ao que terá a cera no assoalho da sala: demonstram que a família conta com uma boa dona-de-casa, que sabe conter a sujeira e expulsar a Natureza de dentro da casa.

O “rancho” e a cozinha “de mostrar”

É provável que resida nessa interiorização da mata e na consequente desvalorização simbólica do espaço no qual ela se encontra a principal razão para a curiosa dicotomia efetivada pela geração seguinte: a partir dos anos 1940, as casas passaram a ser construídas com uma cozinha afastada do corpo da casa, denominada “rancho”⁽⁴⁾.

Estes “ranchos” existem até hoje e ainda são construídos nas casas da segunda geração estudada. Eram e são construções de madeira — mesmo em casas de alvenaria — e situam-se de dois a cinco metros de distância do edifício principal da casa. Esta separação da cozinha é vista como um melhoramento: os primeiros a adotarem foram os que conseguiram “ganhar um pouquinho a mais”⁽⁵⁾.

O “rancho” é um simulacro da cozinha de antigamente: como aquela, ele contém um fogão a lenha, suposta razão de seu afastamento do restante da casa, seu chão é de terra batida e ele é pouco iluminado. Ele é tido como um lugar “sujo”, “enfumaçado”.

A leitura que se pode fazer da construção dessas edículas sugere que a geração intermediária tentou, com o “rancho”, adequar-se aos novos padrões, ditados por um gosto legítimo, sem no entanto romper definitivamente com

(4) Esta divisão da cozinha em duas peças aparece também nas casas que os emigrantes açorianos fazem construir no Arquipélago quando do seu retorno dos Estados Unidos — conforme me informou uma participante durante a apresentação deste trabalho.

(5) A segunda geração tem chefes de família (pai ou mãe viúva) entre 30 e 60 anos.

o seu antigo estilo de vida. A solução que vai aparecer como a mais recorrente nesta adequação é a separação da cozinha em duas peças: a primeira exterior à casa, com fogão a lenha e a segunda no interior da casa, com fogão a gás. Os “ranchos” são lugares de viver, não de mostrar: os visitantes são sistematicamente mantidos afastados deles. É lá que a família cozinha e realiza as suas refeições, mantendo praticamente intacta a nova cozinha do interior da casa. Permanecem, pois são um dos espaços onde se cristaliza a memória social do grupo.

153

A presença dessas duas cozinhas coloca em evidência a profunda ambiguidade vivida por essa geração e revela o quanto é nuançado o processo de ingresso no mundo urbano. Essa geração já tem acesso aos bens de consumo próprios da modernidade: fogão a gás, azulejos, refrigerador, liquidificador, armários de fórmica, etc. Porém, ainda não lida com naturalidade com estes artefatos. Objetos de um consumo ostentatório, eles são exibidos mais do que usados. São mantidos no interior da casa, na cozinha ou na sala, lugares tidos como mais apropriados para sua exposição. No dia-a-dia, continua-se no rancho, cozinhando com os artefatos do mundo camponês.

O rancho é suprimido na geração mais nova. A cozinha com os seus novos utensílios está plenamente integrada no corpo principal da casa e na sua rotina. A mata, a terra, a “sujeira” são afastadas definitivamente do lar. Nestas cozinhas reinam as superfícies lisas e assépticas dos azulejos, os pisos vitrificados e os conjuntos completos de mesa, cadeira e armários, tudo coberto de fórmica.

O banheiro, inexistente na casa açoriana, aparece nas casas das gerações seguintes, primeiro sob a forma de uma “casinha” (as primeiras “casinhas” construídas na Ilha, doadas pela Prefeitura aos moradores, eram usadas como depósitos de bananas) e, mais tarde, sob a forma de um “puxadinho” acoplado ao edifício principal da casa. Este movimento de aproximação do banheiro da casa só se completa na geração mais nova, onde encontramos o banheiro, revestido de azulejos e plenamente incorporado ao corpo da casa, ocupando o seu centro.

O quarto nas casas açorianas não era uma peça tida como íntima. A família dormia não só no mesmo quarto como muitas vezes na mesma cama — pais e filhos, adultos e

**A transforma-
ção do banheiro
e do quarto**

crianças, homens e mulheres⁽⁶⁾. Já na casa da geração intermediária, instaura-se o hábito de atribuir quartos separados a crianças maiores, às vezes com separação entre meninos e meninas. Esboça-se uma nova intimidade, mas ainda de forma branda. O quarto dos pais, em muitos casos, possui uma única abertura que se comunica com o quarto das filhas, obrigando o casal a transitar por este. Nas aberturas dos quartos não há portas, apenas cortinas transparentes. Nem mesmo as paredes garantem o mútuo isolamento: além de serem de madeira, permeáveis ao som, elas não são construídas até o teto, deixando um vão de um metro no alto.

Nas casas da geração mais nova tudo funciona como se surgisse uma individualização dos membros da família, que o espaço de dormir reflete com toda clareza. Estes quartos são totalmente isolados uns dos outros com paredes até o teto, portas de madeira e janelas próprias para a rua. Separados fisicamente, eles vão encerrar mundos bem distintos. O quarto da criança se transforma radicalmente. Os móveis — cama e guarda-roupa — são mais baixos, adaptando-se ao tamanho do corpo dos seus usuários e marcando uma diferença étnica; no quarto das meninas, a cor rosa predomina. As fotos deixam, nesta geração, o espaço da sala para ganhar o do quarto. Mesmo as imagens sacras são distintas das do quarto dos pais: anjo da guarda zelando por crianças, Maria com o menino Deus, etc. A estas imagens se somam toda sorte de objetos especialmente concebidos para as crianças, que a publicidade divulga na TV: bonequinhas Moranguinho, Barbies, sandalinhas da Xuxa, etc. Tudo funciona como se a criança, nesta geração, passasse a ser o veículo maior de um consumo ostentatório, sendo vestida com mais cuidado que os pais e sendo a receptora de praticamente todo o salário extra (leia-se, da mulher). Ela ganha um lugar na casa para si, o quarto, mas o seu reinado estende-se bem além das paredes deste quarto.

É na sala, porém, que os usos dos espaços e os cânones estéticos destas três gerações se contrastam claramente, evidenciando a profunda transformação vivida por estas famílias.

⁽⁶⁾ Suponho, porém, que deve existir algum tipo de distribuição das pessoas no interior do quarto comum, pois, quando perguntava aos mais velhos onde dormiam, eles apontavam para um canto determinado e indicavam outro como sendo o dos filhos.

A sala da casa açoriana

155

A casa das primeiras gerações estudadas, açoriana, apresenta uma sala com um mobiliário escasso e com uma aparência que hoje seria definida pelo gosto legítimo como “rústica” e “pobre”. Como acontecia nas outras peças da casa, os móveis da sala eram fabricados pelos próprios moradores, sendo em geral bastante simples. Havia um armário, onde eram guardados os utensílios e objetos de maior valor para a família, e banquetas que serviam de assento e faziam as vezes de pequenos baús para o guarda da roupa da casa. As paredes, de pedra *in natura* ou estuque, não eram propícias a acolherem pregos. Em muitas casas, era na sala que se guardava o “paiol”, caixa de madeira usada para o armazenamento dos alimentos e sementes. Neste espaço, as mulheres costumavam se reunir para tecer coletivamente grandes peças em renda de bilro.

A sala da casa açoriana é, portanto, um lugar que remete muito mais à produção (construção caseira dos móveis, da renda, o armazenamento das sementes) do que ao consumo. Hoje, as casas açorianas que continuam a ser habitadas por seus velhos moradores são constituídas por móveis que chegaram ali sob a forma de um presente geralmente transmitido por um parente. A iniciativa de sua aquisição nunca é dos donos da casa. É assim que o mobiliário se renova — uma renovação relativa, pois ele já ingressa na casa bem usado. Neste fluxo dos objetos que partem da casa dos filhos e netos e terminam na casa dos avós, se atualizam dois comportamentos distintos. O primeiro é o da geração mais velha: sob a égide do “nada se perde, tudo se aproveita porque pode servir um dia”, manifesta-se todo o esforço e o sacrifício antigamente dispendido na produção do mobiliário e na busca da sobrevivência. O outro comportamento, das gerações mais jovens, é mais ligado aos critérios estéticos manifestos na noção de moda: os objetos não são vistos como perenes. Eles são cada vez mais algo que se consome, no sentido literal do termo, algo que tem um tempo limitado de vida útil.

O belo que se cultua

Estes objetos doados aos velhos muitas vezes não são utilizados mas exibidos: há casas açorianas que contam com um fogão a gás e o mantêm desativado (e, muitas vezes, na sala), o mesmo acontecendo com os eletrodomésticos. Mas, ainda que pouco ou nada utilizados pelos velhos, estes objetos são alvos de uma profunda valorização positiva: eles são atestados de modernidade, valendo muito mais por isto

do que por uma possível diminuição do tempo gasto para cozinhar ou do esforço físico dispendido para encerar o chão da casa. Ou seja, bem mais do que o seu possível valor-de-uso, estes eletrodomésticos são importantes pelo seu valor-de-culto (Benjamin, 1978). Por isto, o espaço eleito para eles é o da sala, o mesmo espaço onde são depositadas as “capelinhas”, as imagens de santos e os retratos de familiares, objetos cultuados também pela geração seguinte.

156

O belo eterno

Se os objetos modernos (eletrodomésticos, fogão a gás, móveis) demonstram um desejo desta geração de mudar com os tempos, os retratos familiares que enfeitam as paredes evidenciam uma estranha constância.

Estas fotos têm sempre um fundo neutro: as pessoas são destacadas do seu meio-ambiente e congeladas numa imagem que tem como fundo uma cor pálida: azul, bege, etc. São fotos retocadas, onde os contornos reais do rosto e do corpo são refeitos pelo pincel do fotógrafo. A pele perde sua textura, desaparecem as rugas que por acaso existiam, os traços mais salientes de um nariz ou de um queixo são amenizados. Nenhum fio de cabelo está fora do lugar e a tez morena — que poderia lembrar o trabalho no campo ou no mar, índices de suas condições de camponeses e pescadores — é substituída pela palidez. E as roupas, que poderiam indicar uma época, também perdem esta capacidade semântica porque são retocadas. O resultado é que o tempo desaparece das fotos.

A introdução de uma nova feminilidade

A sala das casas das novas gerações passa a ser o local onde são expostos os produtos do consumo e o grande palco onde as mulheres, liberadas do seu trabalho diretamente produtivo na roça e nos engenhos, passam a exercer uma nova atividade: a decoração, recriando o espaço doméstico interior segundo o seu gosto. Através desta atividade decorativa elas fortalecem a conquista de um domínio que, em parte, já era seu — o da casa —, mas que antes dividiam com os homens, eles também responsáveis pelo arranjo dos móveis e objetos produzidos por suas próprias mãos.

Agora, as mulheres reinam sós e exteriorizam-se através da decoração. Os bibelôs são o melhor exemplo: são miniaturas diversas representando pequenos animais com feições humanizadas, criancinhas de faces rosadas com a

cabeça ligeiramente inclinada — sempre imagens frágeis, ingênuas, boas, como parece ser o novo ideal de feminilidade. Há todo um movimento de cobrir e recobrir, de pintar e enfeitar e, no extremo, de vestir os móveis e objetos da sala. Para este fim, lança-se mão de toalhas de mesa, guardanapos sobre balcões, cortinas entre uma passagem e outra, panos sobre os sofás e até “saías” que vestem enceradeiras, botijões de gás e liquidificadores. Devolve-se assim aos objetos um rebuscado a mais, uma gratuidade rococó que eles deixaram de ter desde a hegemonia da função sobre a forma na estética moderna.

157

Em casas onde há filhos adolescentes, nota-se uma influência destes na decoração pela introdução de adesivos com motivos de surf, posters de cantores famosos e logotipos de empresas, que se misturam na mesma parede com os retratos familiares e santinhos, numa carnavalização de signos de diferentes épocas.

É nas casas da geração mais nova que se observa uma drástica redução dos estímulos visuais. Diminui o número de objetos expostos: nas paredes um ou outro quadro de paisagem (de terras distantes) e, nas prateleiras, os bibelôs praticamente desaparecem, dando lugar a garrafas de bebidas e livros (enciclopédias juvenis, Bíblia, fascículos didáticos).

A atividade de decoração faz com que a mulher passe a ser um elo entre a família e o mundo moderno. A mulher não aparece como um ser passivo e submisso às regras definidas pelos conglomerados industriais, mas, ao contrário, criadora de comportamentos singulares e capaz de utilizar de diferentes maneiras os objetos domésticos, investindo-os de outros sentidos que não os originais.

**Casa decorada,
casa moderna**

Alijada da cidade nas gerações anteriores (os homens e especialmente o chefe de família é que compravam na cidade o que não produziam), será ela agora quem irá escolher e comprar nas lojas os produtos da cultura urbana. A ela caberá este curioso papel de vanguarda do consumo no interior da família: ao introduzir na casa os objetos modernos, ela introduz a família na modernidade. Ela escolhe os objetos que são “bonitos” e eles são vistos como “bonitos” porque são ditos “modernos”. Moderno, aqui, é tudo o que é industrializado, fabricado em série, vendido em grandes magazines. Moderno é tudo o que não se consegue fabricar.

Não que as novas gerações tenham desaprendido a produzir os seus próprios artefatos domésticos: elas apenas passaram a desvalorizá-los simbolicamente. Eles deixaram de ser vistos como portadores do belo. O caso das toalhas de renda parece exemplar desse movimento de troca de bens produzidos artesanalmente por bens industriais. As mulheres nativas que ainda se dedicam à renda costumam vender aos turistas as toalhas feitas à mão durante muitos meses de trabalho nas almofadas de bilro. Para suas casas, elas preferem comprar toalhas industriais que imitam perfeitamente as toalhas de renda. A renda de bilro já não enfeita e, quando enfeita, é vista como um substitutivo menor dos objetos industrializados, tidos como mais “bonitos”. Ela se tornou mera intermediária para se adquirir um produto que parece renda.

O belo “vem de longe”, como afirma Zonabend (1984) a propósito de uma aldeia no litoral da França. Para estas famílias, o “bonito” não está na Natureza, que, ao contrário, deve ser afastada da casa. Na mata ou no mar se busca o alimento, mas jamais o belo: nas praias se recolhem mariscos, peixes e camarões, mas nunca conchinhas ou estrelas do mar, que comumente aparecem como enfeites nas casas das classes dominantes. E na mata se busca a lenha, nunca orquídeas ou plantas (a única planta que aparece nas casas é a samambaia, comprada longe, na cidade).

Estes enfeites, trazidos de longe, ajudam a contar a história da transição de um modo de vida camponês a um modo de vida mais urbano. A fragmentação da comunidade que liga os habitantes cada vez menos ao bairro e mais à cidade — aos benefícios do Estado, ao posto de saúde, à rede Globo — acaba por conquistar o indivíduo no interior de sua própria família, através do consumo de artigos da moda. De algum modo, esta transformação é inscrita na organização espacial da casa — e é revelada pela arqueologia do espaço doméstico das casas açorianas. ■

Referências Bibliográficas

- | | | |
|--|------|---|
| Ariés, Philippe | 1981 | <i>A História Social da Criança e da Família</i> . Rio de Janeiro, Zahar. |
| Baudrillard, Jean | 1970 | <i>La Société de Consommation</i> . Paris, Denoel. |
| Baudrillard, Jean | 1972 | <i>Pour une critique de l'économie politique du signe</i> . Paris, Essais. |
| Benjamin, Walter | 1978 | <i>A Arte na Era da Reprodução</i> . São Paulo, Ed. Abril. |
| Bourdieu, Pierre | 1979 | <i>La Distinction – critique sociale du jugement</i> . Paris, Minuit. |
| Cascaes, Franklin;
Beck, Anamaria;
Caruso, Raimundo
(orgs.) | 1981 | <i>Vida e Arte e a Evolução Açoriana</i> . Florianópolis, Ed. UFSC. |
| Eco, Umberto | 1989 | <i>Arte e Beleza na Estética Medieval</i> . Lisboa, Ed. Presença. |
| Fonseca, Cláudia | 1991 | "Cavalo Amarrado Também Pasta: Honra e Humor em um Grupo Popular Brasileiro", <i>Revista Brasileira de Ciências Sociais</i> , Vol. 6, n.º 15:27-39. |
| Haye, Ana Maria | 1980 | "A Questão da Moradia numa Favela do Rio de Janeiro ou como Ter Anthropological Blues sem Sair de Casa", in <i>O Desafio da Cidade</i> . Rio de Janeiro, Paz e Terra. |
| Relatos | 1984 | <i>Relatos dos Viajantes Estrangeiros na Ilha de Santa Catarina</i> , Florianópolis, Ed. UFSC. |
| Rial, Carmen | 1988 | <i>Mar-de-Dentro: a Transformação do Espaço Social na Lagoa da Conceição</i> . Dissertação de Mestrado. Porto Alegre. PPG Antropologia Social da UFRGS. |
| Shusterman, Richard | 1982 | <i>L'art à l'état vif — la philosophie pragmatiste et la culture populaire</i> . Paris, Minuit. |
| Veblen, Thorstein | 1979 | <i>Theorie de la classe de loisir</i> . Paris, Gallimard. |
| Zonabend, Françoise | 1984 | "Une perspective infinie — la mer, le rivage et la terre à la Hague", <i>Etudes Rurales</i> , 93-94. |